

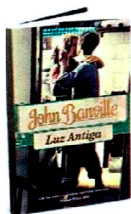
A Invenção do passado

Luz Antiga :: John Banville :: Romance
:: Porto Editora :: 264 págs. :: €16,60 :: Nota 100%

Eduardo Pitta:

Se tivermos de fazer uma lista dos escritores mais importantes da actualidade, o irlandês John Banville (n. 1945) faz parte da primeira meia dúzia. Autor de uma obra muito vasta, que inclui teatro e os livros que assina como Benjamin Black, publicou no ano passado um romance fulgurante, "Luz Antiga", acabado de chegar às livrarias portuguesas. Um livro sobre Praga e nove dos seus romances estão traduzidos no nosso país.

"Luz Antiga" encerra a trilogia iniciada com "Eclipse" (2000) e prosseguida com "O Impostor" (2002). O virtuosismo é um traço distintivo: nenhuma palavra menos adequada, nenhuma frase supérflua, monólogo interior bem estruturado. Somos surpreendidos pelo narrador, que aos 15 anos teve uma relação com a mãe do seu melhor amigo, uma mulher 20 anos mais velha, e são esses dados que sustentam a intriga. Alexander Cleave tem agora 60 anos, mas não esqueceu Celia Gray. A narrativa intercala o tempo da iniciação sexual com um duplo sentimento de perda: Alexander e a mulher, Lydia, vivem atormentados pela inesperada morte da filha, Cass, uma académica que sofria da síndrome de Mandel-



O irlandês John Banville

baum, uma forma rara de esquizofrenia. Nenhum dos dois acredita na imortalidade da alma, mas, depois do desastre de Portovenere, na Ligúria, estão a um passo de admitir a existência "de um mundo para além deste". A morte de Cass trouxe consigo a notícia de uma gravidez ignorada e, por associação, o nome de Axel Vander.

Agora, Mr. Cleave, que é actor de teatro, vai fazer de Axel Vander, "crítico e professor", num filme intitulado "A Invenção do Passado". A figura de Vander é inspirada em Paul de Man, o desconstrucionista belga que nos anos 50 foi leccionar para os Estados Unidos sem que ninguém suspeitasse das suas simpatias nazis (entre 1939 e 1943, colaborou com a imprensa anti-semita), reveladas quatro anos depois da sua morte. Banville leva o jogo paródico ao extremo de citar Man como "comentador" da obra de Vander. Quem tenha lido "O Impostor", lembra-se de Vander e de Cass, da carta que ela lhe escreveu confrontando-o com o passado.

As duas histórias sobre-põem-se: as tardes de sexo com Celia Gray (e o porquê do seu súbito desaparecimento); o presente amargo, remoendo a morte da filha. Num autor menos articulado, uma tal simbiose tenderia a enfraquecer uma das partes. Banville mantém a tensão do discurso num plano superior, reflectindo sobre equívocos, os malefícios da doença, o remorso, a dor, a inexorabilidade da perda.

Admirável. **T**